

PESTE SUINA -- HOG CHOLERA

MAURICIO DOS SANTOS PAIVA (*)

Tendo em vista as dificuldades que vêm encontrando os criadores de suínos por falta de uma orientação prática e precisa sobre o assunto, fomos levados a escrever alguma coisa nesse sentido, para os que carecem de instruções urgentes, principalmente aqueles já ameaçados com a peste na vizinhança da propriedade. Cada vez mais o mal se alastra e, com ele, incalculáveis são os prejuízos acarretados à economia privada nos meios criatórios.

Assim sendo, procuraremos em linguagem simples, colocar ao alcance de todos, uma ligeira noção da moléstia e os meios de reduzir ao mínimo os prejuízos dos criadores ou eliminar de uma vez para sempre a terrível doença. Estas notas resultam de observações colhidas no maior foco de peste suína que já assolou o Estado. Tivemos oportunidade de testemunhar o desespero do nosso homem do campo, ameaçado pela miséria, e, graças a esforços sobre-humanos, foi-nos possível estacionar e eliminar os focos que surgiam numerosíssimos e que se alastravam por entre dezenas de milhares de suínos. Para isso, foram utilizados diversos processos técnicos, inclusive o preparo de vacina com o material dos animais clinicamente doentes retirados desses focos. Não deixaremos de mencionar as dificuldades encontradas, para que os criadores possam evitá-las, como também para auxílio aos técnicos, pois sem ajuda e sinceridade nas suas declarações e no cumprimento das instruções dadas, os obstáculos se tornarão irremovíveis e os resultados, por sua vez, serão nulos no combate à doença.

DEFINIÇÃO

A peste suína, erradamente chamada batedeira, diferente da batedeira comum existente na quase totalidade das fazendas de criação, é moléstia infecciosa, muito contagiosa, particular ao porco de qualquer idade, gordo ou magro, causando maior número de vítimas entre os leitões pela sua

(*) Chefe do Serviço de combate à peste suína na Zona da Mata

menor resistência e podendo em certas regiões ter evolução mais rápida ou lenta, sendo que nesta última traz complicações pulmonares (pneumonia) e intestinais (enterite) ocasionando o *curso* e em geral só nestas ocasiões é que é notada pelo criador. É causada por um vírus filtrável.

SINTOMAS

O desenvolvimento dos sintomas clínicos iniciais e as confusões com outras moléstias têm sido a maior causa da sua propagação e dos prejuízos dela resultantes. Os fazendeiros são levados a tentar inúmeros processos rotineiros de tratamento que vêm sendo postos em prática de geração em geração, apesar dos insucessos observados. A peste suína oferece grandes dificuldades de diagnóstico no período inicial da moléstia, e principalmente quando se trata dos primeiros casos em zonas até então indenes.

Outras vezes, surgindo com evolução mais lenta, aparecem as formas de complicações (pneumonia e enterite), impropriamente chamadas pelo criador, devido ao batimento do "vasio", de batedeira. Este sintoma é devido à dificuldade que sente o animal em respirar (dispnéia). O criador, como quase sempre acontece, não leva o caso ao conhecimento do veterinário para as necessárias providências e, por iniciativa própria, continua com o comércio e deixa animais sadios ou aparentemente sadios juntos dos doentes.

Os tratados dividem a moléstia de acordo com a sua evolução e gravidade em quatro formas clínicas: super-aguda, aguda, sub-aguda, e crônica. Não entraremos em pormenores sobre estas formas porque nos afastaríamos da verdadeira razão de ser deste pequeno trabalho. Versaremos apenas, de leve, sobre as duas primeiras, comuns às epizootias nos municípios de Formiga e Bambuí, e atualmente, nos municípios da Zona da Mata. Houve quem dissesse que no Brasil não existe a forma super-aguda, mas nestas zonas, onde cerca de 95.000 suínos foram vitimados pela moléstia, raríssimos são os casos de forma crônica. Os doentes que escapam adquirem resistência duradoura, mas são perigosos, por um certo tempo, pois são eliminadores do vírus.

A peste suína inicia-se sob a ação exclusiva do vírus, com manifestações próprias. A temperatura se eleva (41.º—42.º), permanecendo alta durante todo o curso da moléstia. Aparecem, então, pintas vermelhas na pele (petéquias) que pela reunião se transformam em manchas, principalmente

no ventre (barriga), face interna das coxas e braços, garupa, orelhas. Logo a seguir, o sistema nervoso é atingido: dificuldade no andar, balanceamento dos quartos de um lado para outro (paresia e paraplegia,) olhos semi-cerrados, sonolentos, cabeça desviada para o lado, focinho às vezes em contato com o solo. Quase sempre permanecem deitados. Quando tocados, forçados à marcha rápida, além de lhes ser penoso o andar, costumam chocar-se com os obstáculos. Quando a paralisia se acentua, procuram apoio para depois caírem e finalmente morrerem. O apetite a princípio torna-se caprichoso. Quando se distribui o alimento, os doentes em estado adiantado permanecem em seus lugares; os que apresentam a moléstia na sua fase inicial, cheiram, removem os alimentos e com dificuldade comem alguma coisa. Os alimentos líquidos, como o leite desnatado e o soro, são preferidos, mas, são depois abandonados, devido ao desaparecimento total do apetite (anorexia).

Na maioria dos casos, os doentes sucumbem nesta fase, que dura 4 a 6 seis dias. Quando aguda e super-aguda não se percebe sintoma algum além da temperatura elevada, sede, tristeza, inapetência, matando entre 2 e 48 horas o animal, que às vezes, põe sangue pelo nariz, boca e anus. Em certos casos em que os doentes são mais resistentes, depois do organismo enfraquecido pelo vírus, vêm as complicações por micróbios, pulmão—Pasteurella e intestinos Salmonella, provindo a pneumonia e o curso, matando de 8 a 10 dias.

O vírus é eliminado pela urina, sangue, fezes, lágrimas saliva e catarro nasal.

LESÕES

Para observar as lesões próprias da peste, é necessário que se sacrifique um dos doentes na forma inicial da moléstia, antes das complicações. Quando não for possível agir desta maneira, os animais nas formas de complicação apresentam lesões que variam com a natureza do micróbio e com a intensidade do mal. Na forma super-aguda (forma violenta), às vezes não encontramos lesão alguma que nos conduza ao diagnóstico. É preciso recorrer aos exames de laboratório. Outras vezes, ao cortar o toucinho, filetes de sangue correm de seus vasos. Pulmão (bofe), coração, baço, rins, bexiga, intestinos, com pontos hemorrágicos (Petéquias). Os gânglios são aumentados de volumes hemorrágicos de cor quase negra, assim como as glândulas salivares e amí-

dalas. Nas formas mais lentas notamos : pneumonia (pulmão duro, cheio de pus, e às vezes com gangrena, desprendendo mau cheiro). Aderência do pericárdio (saco seroso que envolve o coração), à pleura e, por sua vez, ao diafragma (músculo que separa o tórax do abdome e às costelas. O baço (passarinho), com manchas vermelhas escuras, às vezes muito cheio de sangue escuro e mole. Rins com pontos vermelhos. Os intestinos apresentam manchas vermelhas nas suas paredes e, quando abertos, hemorragias e úlceras profundas que, por vezes, são revestidas de crostas castanhas, encontradas principalmente no cecum (parte inicial do intestino grosso). Peritônio (renda), com petéquias e grande quantidade de líquido (ascite) Há casos de aderência do peritônio à parede abdominal como também a porções do intestino.

TRATAMENTO

Os nossos criadores têm usado os mais variados processos na tentativa de cura, sem que obtenham o menor resultado a não ser que se trate de uma diarreia comum, onde a água de bananeira dá algum resultado. Mas, por esse fato, quando a peste suína se manifesta complicada com a enterite (salmonelose), têm o hábito e a coragem de dizer, mesmo na presença de pessoas entendidas, que somente a água da bananeira é capaz de salvar o doente. Desconhecem, entretanto, que tal medicação não cura as lesões intestinais, nem as pulmonares, e muito menos mata o vírus. Em vista disso, deixam de chamar o profissional, colocando, assim, em risco toda a criação, complicando o mal, concorrendo para a reprodução de focos, aumento de seu prejuízo e dos vizinhos, com a extensão da moléstia às propriedades próximas. Outros tratamentos usados pelos caboclos e mesmo pelos fazendeiros de certa cultura, como o ferro em brasa (cauterização) e injeção de creolina pura, (abcesso de fixação), em diversos pontos do corpo, não dão resultado algum, servindo apenas para aumentar o sofrimento do animal e acelerar a morte.

Não aconselhamos o emprego do soro, considerado até pouco tempo o mais racional para o tratamento, quando no início da moléstia, antes das complicações já citadas. Os animais doentes e os que adoeceram e escaparam devem ser sacrificados : são de difícil crescimento e engorda e além disso, perigosos pela eliminação de vírus. Aconselhamos o soro em doses muito grandes, no foco, somente em animais sadios ou aparentemente sadios, para conferir-lhes resistên-

cia enquanto ingerem virus do local, transformando a imunidade passiva, temporária, provocada pelo soro, em imunidade ativa, duradoura, pela ingestão de virus. Temos observado que nos animais febris o soro, mesmo em grandes doses, não dá os resultados que se deveria esperar, isto é, é inútil. Deve ser empregado como preventivo em alguns casos, nos focos somente.

VACINAÇÃO

Consideramos a vacinação de todos os suínos o único meio prático, barato e eficaz na prevenção da moléstia. A Secretaria da Agricultura em colaboração com a Escola Superior de Agricultura de Viçosa, vem fabricando a vacina cristal violeta contra a peste suína e espera, com a colaboração de todos os criadores, vacinar, dentro do menor tempo possível, todos os suínos da Zona da Mata, onde a doença vem causando prujizos incalculáveis.

A vacina deverá ser empregada nos animais sadios, não devendo os criadores esperar que a doença atinja os seus porcos para dar início à vacinação. Nesse caso, o criador jogará mais com o fator sorte do que com as propriedades antigênicas (protetoras) da vacina.

Chamamos a atenção dos criadores para o fato de a vacina só conferir garantias ao animal decorridos 15 a 20 dias da vacinação. Durante aqueles dias os animais poderão adoecer como se não tivessem sido vacinados, daí chamarmos a atenção para vacinar antes do aparecimento do primeiro caso de peste. O próprio vacinador poderá levar nos pés, ou calçados, o virus; também outros condutores do virus poderão alcançar a "manga" e então, durante 15 ou 20 dias a doença pode aparecer e o criador dizer que foi a vacina que provocou a peste.

A vacina antes de ser empregada é experimentada pelos técnicos em porcos sadios, não havendo, por isso, possibilidade de transmitir a doença. É necessário que se empreguem vacinas de laboratórios idôneos. Cuidado com os mistificadores.

Aconselhamos também :

- 1) Enterrar todos os cadáveres, porque o virus exposto ao ar, em boas condições de umidade, pode resistir de 4 a 6 meses, ao passo que a putrefação o destrói em 15 dias;
- 2) Evitar jogar os mortos em cursos d'água, o que le-

varia a doença às “mangas” vizinhas, (banhadas) por essas águas;

3) Evitar os cães e os urubus. Designar uma pessoa para tratar somente dos suínos;

4) Evitar que as pessoas em época de doença visitem as cevas, quando vindas de zonas já atingidas;

5) Evitar o trânsito em caminhos que atravessem a “manga”;

6) Notificar imediatamente ao veterinário ou autoridade mais próxima, o aparecimento do primeiro caso de peste ou suspeição;

7) Evitar a introdução, na ceva, de animais estranhos, a não ser já vacinados;

8) Orientar os vizinhos sobre o referido assunto;

9) Procurar os centros agro-pecuários.